





Homenagem a Mario Benedetti

Eric Nepomuceno



Jornalista, escritor e tradutor de autores como Julio Cortázar, Juan Carlos Onetti e Gabriel García Márquez

HOMENAGEM A MARIO BENEDETTI

Nascido em 1920, o escritor uruguaio Mario Benedetti foi diretor do Departamento de Literatura Hispanoamericana na Faculdade de Humanidades e Ciências da Universidade da República, em Montevideu, antes de exilar-se na Argentina, no Peru e em Cuba. Autor de 80 obras - entre romances, contos, dramaturgia e roteiros para cinema - traduzidas para mais de 20 idiomas, Benedetti (1920-2009) é homenageado neste texto por Eric Nepomuceno.

HOMENAJE A MARIO BENEDETTI

Nacido en 1920, el escritor uruguayo Mario Benedetti fue director del Departamento de Literatura Hispanoamericana en la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Universidad de la República, en Montevideo, antes de exiliarse en Argentina, en Perú y en Cuba. Autor de ochenta obras - entre novelas, cuentos, dramaturgia y argumentos para cine - traducidas para más de veinte idiomas, Benedetti (1920-2009) es homenajeado en este texto por Eric Nepomuceno.

تكریم ماریو بینیدیتی

عمل الكاتب الاوروغواي المولود سنة ٢٩١٠ مديرا لقسم الأدب الاسباني الامريكاني في كلية العلوم الإنسانية و العلوم بجامعة الجمهورية بعاصمة الاوروغواي مونتيفيدو قبل ان يلجأ الى كل من الأرجنتين و البيرو و كوبا . كتب اكثر من ثمانين عملا أدبيا بين قصص قصيرة و روايات و مسرحيات و سيناريو للسينما و ترجمت أعماله إلن عشرين لغة . يتم تكريم هذا الكاتب (٢٩١٠ - ٩٠٠٢) من خلال نص لإريك نيبومسينو .

HOMMAGE À MARIO BENEDETTI

Né en 1920, l'écrivain uruguayen Mario Benedetti fut à la tête du "Departamento de Literatura Hispanoamericana da Faculdade de Humanidades e Ciências da Universidade da República" à Montevideo, avant de s'exiler en Argentine, au Pérou et à Cuba. Auteur de 80 oeuvres - romans, contes, dramaturgies et scénarios de films - traduites en plus de 20 idiomes. Eric Nepomuceno rend hommage à Benedetti (1920-2009) dans ce texte.

AN HOMAGE TO MARIO BENEDETTI

Born in 1920, Uruguayan author Mario Benedetti was director of the Hispano-American Literature Department at the School of Arts and Sciences of the Universidad de la República in Montevideo, Uruguay, before going into exile in Argentina, Peru and Cuba. Benedetti (1920-2009) wrote 80 works, including novels, short stories, plays and movie scripts, which have been translated into more than 20 languages. Eric Nepomuceno pays him homage in this text.

O domingo 17 de maio foi um dia de céu encapotado e rajadas de chuva e ventania em Montevideú, que ele chamava de ‘cidade de todos os ventos’. Se tivesse olhado pelas amplas janelas de seu apartamento na avenida 18 de Julho, Mario Benedetti constataria uma vez mais que nessa época do ano Montevideú é um mundo de terna melancolia.

Mas ele não saiu da cama. Passou o dia alternando o sono sossegado com períodos de um despertar calado, distante. Pelo final da tarde sua respiração tranquila foi se fazendo mais suave, mais suave, até que, quando faltavam cinco para as seis, parou de vez. Assim, dormitando, na penumbra e sem nenhum olhar de despedida, foi-se embora esse poeta cálido e bondoso, tímido e cordial como corresponde aos uruguaiois de velha estirpe. Um homem de resistência e compromisso permanente, num tempo em que isso já não significa quase nada. Continuou sendo o militante de sempre, contra ventos e marés. “As causas nas quais creio me dão impulso, e por defendê-las durmo tranquilo. Não me sinto derrotado em minhas crenças ideológicas e vou continuar lutando por elas. Sem êxito, já sei”, dizia.

Se tivesse ficado por aqui até o dia 14 de setembro cumpriria 89 anos. Não quis esperar. Na verdade, Mario começou a ir embora em abril de 2006, quando morreu Luz López, com quem foi casado durante 60 anos. Continuou escrevendo, mas a vida já não tinha graça. Dizia ele, nesses últimos tempos: *Acontece a noite e estou sozinho/ a duras penas carrego meu próprio peso/ a morte levou o bom amor/ e já não sei para quem continuar vivendo.*

Deixou desolada uma multidão de leitores, e, nos amigos, um vazio sem fim. “Que será de nós sem sua bondade inexplicável?”, escreveu Eduardo Galeano. “Mario foi, sobretudo um homem bom”, assegura o poeta argentino Juan Gelman, outro companheiro de longas jornadas. Ao saber de sua morte, o espanhol Fran Sevilla disse: “Há dias que não deveriam amanhecer”. A lista de amigos que amargam essa dor é enorme, se espalha pelos mapas, vai de pintores a músicos, de escritores a poetas, de jovens esperançosos a velhos lutadores das causas perdidas, ou quase, nesta América Latina. Em silêncio, abrumados pela própria dor, ficam milhões de leitores em todo o mundo. De certa forma, saber dessa amplidão de gente que se deixou embalar e acalantar pela sua poesia serve de consolo aos amigos. “Mario ocupava um lugar muito maior do que ele mesmo achava”, diz um deles, o escritor português José Saramago.

Foram mais de 80 livros publicados ao longo de 63 anos. Alguns, como os romances *La trégua* e *Gracias por el fuego*, tiveram mais de cem edições. Escreveu contos, romances, ensaios, crítica literária e obras de teatro. Mas foi sua poesia que fez dele um dos latinoamericanos mais lidos dos últimos muitos anos. Seus versos estão em camisetas, bolsas, cartões postais, xícaras, cartazes, e foram transformados em canções cantadas por gerações. Muitos desses versos, copiados por milhares de jovens que fingiam uma autoria imaginada, venceram amores esquivos. Cada vez que alguém dizia a Mario que tinha conquistado o grande amor graças aos seus poemas roubados, ele sorria feliz.

Seu livro de estreia, *La vispera indeleble*, vendeu exatos nove exemplares. Foi seu presente de casamento para Luz, em março de 1946. Dez anos e cinco livros mais tarde, publicou *Poemas de la oficina*. E com esses “poemas de escritório” ganhou prestígio. Não foi nenhum êxito de vendas, mesmo porque a tiragem era de 500 exemplares. Mas ele se tornou conhecido. Naquela altura, fazia parte do mítico semanário *Marcha*, dirigido por Carlos Quijano, e integrava a mais importante geração literária de seu país, a de 1945, ao lado do poeta Idea Villariño e de um mestre absoluto, Juan Carlos Onetti.

Filho de um farmacêutico e de uma dona de casa, foi batizado seguindo a estranha tradição italiana de nomes longuíssimos: Mário Orlando Hamlet Hardy Brenno Benedetti. Tinha quatro anos quando a família saiu de Paso de Los Toros e foi para Montevidéu viver uma infância de privações, que se estenderam adolescência afora. Trabalhou como vendedor de peças de automóvel, depois foi taquígrafo, mensageiro, contador, gerente de imobiliária, jornalista e funcionário público, entre muitas outras coisas.

Em seus contos e romances, estendeu sempre um olhar solidário e compreensivo para a pequena classe média uruguaia – a aridez da vida dos burocratas, a rotina amarga de um cotidiano de pouco horizonte e sonhos restritos. Traçou as distâncias entre esperança e realidade, e seus personagens eram gente comum, encontrados nos mergulhos na alma humana que Mario soube fazer tão bem. Com o romance *La trégu*, de 1960, chegou ao grande público. O livro teve 150 edições em 24 países. Cinco anos depois, com *Gracias por el fuego*, veio a consagração definitiva entre os escritores latinoamericanos da segunda metade do século XX.

Sua poesia assegurou a ele a legião de leitores que desde o domingo, 17 de maio, ficaram órfãos. Foram 36 livros, sem contar antologias e compilações, de poemas em linguagem simples, espontânea, coloquial; ele que foi o poeta dos sentimentos, das emoções, das ideias, versos vivos que eram como conversas numa varanda entardecida.

Sua vida foi a de um homem de esquerda, de compromisso com seu tempo e sua gente – um compromisso que custou perseguições e ameaças, exílio, desterro, as dores das separações e das perdas. Acreditava num outro mundo possível. Foi um suave indignado, um doce iracundo. Aliou sempre o rigor da palavra escrita – “como escritor, meu primeiro compromisso é com a leitura” – com sua visão de mundo: “como cidadão, tudo que afeta o homem me diz respeito, e se o cidadão é escritor é natural que a preocupação política apareça em sua obra”, dizia.

Galeano nos apresentou Buenos Aires de 1973, onde eu morava e ele chegou exilado. Ao longo desses anos todos o mundo rodou e nós também, e nos encontramos em Lima e Madri, no México e em Havana, em Paris e em Manágua, e dele guardo a memória de um humor ingênuo e tímido, uma esperança tranquila e permanente, um olhar límpido, guardo a certeza de ter sido um homem bom, generoso e solidário. O tempo e as distâncias diminuíram nosso convívio mas não nos afastaram jamais. E o que mais me dói agora é nunca ter dito a Mario o quanto eu gostava dele.

Um de seus poemas dos últimos tempos pede: *quando me enterrem/ por favor não se esqueçam/ da minha caneta*. Na manhã da terça-feira, dia 19, Mario Benedetti foi enterrado em Montevidéu. Milhares de pessoas o acompanharam ao longo de trinta quarteirões, seu derradeiro passeio pela cidade. Nenhuma delas jamais esquecerá sua caneta, nem as palavras que escreveu. ●